

E VANDRO,

E

ALCINA,  
PASTORAL,

DE

M.<sup>R</sup> GESSNER,

TRADUZIDA DO ALEMAO.



LISBOA,  
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1817.

*Com Licença da Meza do Desembar-  
go do Paço.*

---

Vende-se por 160 réis broxado em casa de F. B. O. de M. Méchas, na travessa dos Romulares N. 8 A, junto ao Caes do Sodré á Ribeira Nova, aonde tambem se compraõ, vendem, trocaõ, e encadernaõ Livros de todas as qualidades: se vende tudo quanto he necessario para o uso de hum Escritorio de Commercio, e igualmente se aprompta qualquer encommenda de Livros, pois ainda que sejaõ raros se faz a possivel diligencia por alcança-los.

---



1955  
70842

---

# EVANDRO, E ALCINA, PASTORAL.

---

## ACTORES.

PYRRO, Príncipe de Crissa, pai de Evandro.

ALCINA, supposta filha de Felicia.

EVANDRO, supposto filho de Albano.

ARATES, amigo de Pyrro, pai de Alcina.

FELICIA, Pastora.

Capitão da guarda de Pyrro.

Dois Cortesaões.

Hum Sabio.

Duas Criadas.

ALEIXO, Pastor.

*A scena representa hum lugar solitario,  
rodeado de arvores.*

---

## ACTO. I.

---

### SCENA I.

ALBANO, FELICIA.

FEL. **A**onde vai, visinho, tão pensativo, e occupado? Bem sei; que a nós os lavradores nunca

nos falta que fazer, se quizermos, que os nossos rebanhos, e fazendas andem bem governadas.

ALB. Isso he fallar como mulher de juizo. A nossa vida certamente he sempre activa, e occupada. Eu venho agora de cumprir huma obrigação de Religiaõ, a que nunca falto. Offereci a Pan os primeiros fructos das cinco arvores, que plantei em memoria do dia, em que me foi entregue Evandro, filho dos meus cuidados. Ellas tem desoito annos, e estaõ taõ crescidas, que parece, que os Deoses me querem dar nellas hum feliz presagio para o futuro.

EEL. Os Deoses recompensaõ a tua piedade, e protegem sempre o homem virtuoso, que os respeita. Porém nós devemos venera-los ainda com maior submissaõ quando esperamos algum a-

contecimento notavel. Como se virá finalmente a concluir o negocio, que a ambos nos tem suspensos. Sim, Albano, agora que estamos sos, podemos fallar no nosso segredo sem algum receio, (*Olha para todas as partes.*) Qual será o destino de Alcina, que tambem he filha dos meus cuidados? Os Deoses me conservem a vida até chegar a ver este dia. Ha desaseis annos, que ma entregáraõ. Guardai-a cuidadosamente, me disse entaõ o que a trazia, como a hum precioso thesouro; a seu tempo recebereis a recompensa devida ao vosso trabalho. Adverti principalmente em sepultar no coração este segredo.

ALB. Os Deoses certamente os destinaõ para cousas grandes. Evandro he o pastor mais gentil de toda esta terra: he formoso,

como a estatua do Templo de Delfos; he prudente, como hum homem, a quem os annos tem feito experimentado; he valeroso, como Hercules, e naõ temeria pelejar corpo a corpo, com hum leaõ; na luta, na carreira, e em todos os exercicios, que demandão força, e agilidade, naõ ha quem o possa igualar; e as suas canções saõ taõ engraçadas, que parece que o mesmo Apollo lhas inspira.

FEL. Alcina naõ leva menos ventagem a todas as outras raparigas destes contornos: he formosa como as Graças, e nella se encontraõ unidas todas as bellézas, que fazem perfeita a qualquer pastora; ella vence as suas companheiras, bem como a rosa excede as flores de nossos prados.

ALB. O ardor, com que elles reciprocamente se amaõ, naõ dei-

xa de inquietar-me , bem que por outra parte me dê alguma esperança. Talvez será vontade dos Deoses , que elles se amem : mas... nós não a podemos conhecer. Eu espero , que a Providencia os não separará ; a nós porém não compete dispôr da sua sorte , como se fossem nossos filhos ; talvez brevemente os viraõ recobrar das nossas mãos. Não podemos pois consentir na sua uniaõ , e he justo que tomemos a resoluçaõ de lhes desvanecer toda a esperança.

FEL. Dizes bem , Albano. Espero , que em pouco tempo veremos a conhecer estes segredos. Eu sou impaciente por genio , e por isso desejo , ainda mais que tu , ver já chegado este momento.

ALB. Os Deoses disporáõ tudo , como for melhor. Quanto sentiria eu ver frustradas as minha esperanças ! Ambos elles saõ dignos

de toda a felicidade. Quanto me afflige não poder condescender com seus amorosos desejos! Porém não ha remedio, senão recorrer a algum pretexto, com que disfarcemos os verdadeiros motivos da nossa repugnancia. A mentira sempre me foi aborrecida; porém a que agora premedito he innocente, o Ceo ha de perdoar-ma. Nós lhes diremos a ambos, que na mesma noite tivemos hum sonho, que nos não permite consentir na sua uniaõ.

FEL. O pretexto está bem ideado. Já que nos he necessário engana-los, não podemos certamente usar de melhor traça; pois de outra sorte mal nos poderiamos livrar de suas instancias. Mas fica-te embóra, Albano; he tempo, que eu torne para o meu campo. Aqui vem teu filho; passarei por detraz deste vallado, para que elle me não veja.

ALB. Eu tambem me retiro.  
 Não quero topar-me com elle ,  
 para lhe não dar occasião a que  
 me inportune com os seus rogos.

---

## S C E N A II.

EVANDRO. *Só.*

Ha muito tempo, que a an-  
 do procurando, mas não he pos-  
 sivel encontra-la. Ella não está a-  
 qui; não está na fonte, nem de-  
 baixo destas avelleiras. Pois es-  
 te he o lugar, aonde se devia a-  
 char. Talvez que sua mãe de pro-  
 posito lhe dêsse alguma occupa-  
 ção. (*Olha para todas as partes.*)  
 Parece-me que não foi outrã cou-  
 sa. Reparo tambem que meu pai  
 foge de mim; parece temer, que  
 eu lhe falle em Alcina. Não sei  
 que juizo possa fazer de tudo is-

to. Por ventura levará a mal, que eu ame huma pastora, taõ digna de ser amada? Porém elle mesmo a julga superior a todas as suas companheiras. Este modo de proceder inquieta-me, e inquieta-me muito. Porém aonde estará Alcina? Porque não virá? Em quanto a estou esperando, quero gravar seu nome no lizo tronco desta arvore. (*Tira huma faca*) Tu conservarás seu nome, e o meu, ó arvore ditosa, e serás a mais bella de todas quantas te rodêão: tu não tens que temer os golpes do machado; o passageiro ao ver-te dirá: esta arvore he consagrada ao amor.

---

S C E N A III.

ALCINA , EVANDRO.

( *Em quanto Evandro grava na arvore o nome de Alcina, chega esta, e passando escondidamente por detraz delle, lhe põe as mãos nos olhos.* )

ALC. Adivinha quem he?

EV. O' Alcina, minha querida Alcina!

ALC. Vê, que te enganas.

EV. Não, não me engano. E aonde te demoraste tanto tempo?

ALC. Está bem, já que te não enganas, dá-me os braços. ( *Tira-lhe as mãos dos olhos, e abraça-se.* ) Foi o pastor Alcixo, que me deteve, e talvez que ainda me venha seguindo. Que pezado me he o seu amor!

EV. O' Deos! elle aqui vem.

---

S C E N A IV.

ALCINA , EVANDRO , ALEIXO.

AL. ( *Para Alcina* ) Oh !  
bem me parecia que havias de  
achar aqui a Evandro. Evandro  
naõ tem quem o iguale na luta,  
na carreira , no cantar , e em  
ser bem visto das pastoras. O'  
Evandro , quantos cordeiros te-  
rás ganhado cantando ao de-  
fio !

ALC. Já ha muito tempo , que  
sabemos isso.

AL. Ora quero fazer-vos rir da  
simplicidade de Silvio , que es-  
tando sentado , ao pé desse car-  
valho....

ALC. Já ha mais de cem an-  
nos , que rimos com essa historia.  
Mas ... que queres tu d'aqui ?

AL. Ora não te agonies. Volta para mim os olhos com amizade, e isto só basta para...

ALC. ( *Olha para elle com ar de desprezo.* ) Ah! tens o que pertendes. Agora vai-te.

AL. Isso não he o que eu queria. Tu, Alcina, me tratas com demasiado rigor. Quero agora cantar-te huma cantiga, que esta manhã....

ALC. Mas se eu a não quero ouvir.

AL. Não importa; eu sempre canto.

ALC. Canta, canta, que já tapei os ouvidos.

AL. Evandro, tu estás muito válido entre as nossas pastoras, mas nem por isso tocas flauta melhor que eu. Aqui está huma, que fiz ante hontem; he excellente. Já ganhei com ella duas cabras a dous pastores, que de-

sabei ; e estou certo , que tu mesmo te has de confessar vencido : ouve . . .

EV. Não he necessario ; já sem te ouvir , me reconheço vencido.

AL. Vamos , eu aposto as minhas melhores cabras.

ALC. E eu aposto hum rebanho inteiro , que não ha homem mais insupportavel , do que tu. Queres estar a papaguear eternamente ? Tu es como huma silva , que se pega aos vestidos de quem vai passando ; fizeste juramento de me não largar hum só instante.

AL. Ah ! Já vejo , que quereis ficar sós.

EV. Custou-te bem a adivinha-lo.

AL. Então já me retiro ( *Vai-se , e logo volta.* ) Mas esquecia-me huma cousa , que tinha de vos contar. Hontem , ao pôr do Sol , fui á praia do mar , e . . .

ALC. Ainda não acabaste ?

AL. Ainda eu não principiei. Estando pois na praia, encontrei o pescador Algano, que andava lançando as suas redes. Pouco antes que o Sol se puzesse, me disse elle, vi cinco embarcações grandes, que estavaõ ao largo, e disse-me tambem, que lhe parecia que vinhaõ aportar a esta praya, se he que já não chegáraõ . . .

ALC. Mas . . . ninguem embarca as embarcações, que aportem, nem a ti que te vás embora.

AL. Está bom, eu vos deixo já.

---

S C E N A V.

ALCINA, EVANDRO.

ALC. Ausentar-se-hia finalmente esse importuno? (*Olha para*

*todas as partes* ) Sim, já lá vái : mas ainda que me estivesse escutando por detraz desses ramos, não deixaria eu de abrir-te o meu coração, ó meu amado. Seguro que tinha tanta impaciencia de te ver, como tem huma andorinha de voltar a seus filhos, quando hum menino maligno a apanhou, e a tem preza em suas mãos. Por mais que a afague, ella está inconsolavel, e vigia toda a occasião de lhe fugir. Ella não volta para o ninho com tanta diligencia, como eu puz em correr a procurar-te, e em escapar de Aleixo, que intentava deter-me.

EV. Ah minha querida Alcina ! Quanto me faz ditoso hum amor tão terno ! Passando agora junto de huma rozeira, colhi estas rozas. Vê, como estes dous botões se enlaçaõ, e florecem jun-

tos. Os suaves cheiros, que exhalaõ assim unidos, sobem ao ar misturados: ellas conservarãõ esta doce uniaõ ainda quando se murcharem. Põe, ó minha amada, põe ao teu peito esta imagem fiel do nosso amor.

ALC. Sim, Evandro, eu as vou pôr ao peito. Olha como são formosas! Eis-aqui tambem como a nossa uniaõ nos faz mais bellos.

EV. Assim havemos de passar os nossos dias. Elles serãõ suaves, como o cheiro, que exhalaõ estas rozas.

ALC. Os nossos corações unidos se haõ de abrir, como ellas, ao mesmo tempo. Mas dize-me: esperaste muito tempo por mim?

EV. Naõ; mas quando te naõ vejo, todos os instantes me parecem vagarosos.

ALC. Eu naõ tive pouco susto, quando, ao vir para aqui, encon-

trei atraz deste bosque a Aleixo, a quem amo tanto como as ovelhas amaõ os lobos. Estava parado no meio do caminho. Todas as pastoras, que por aqui passaõ, me disse elle, tem obrigação de me darem hum beijo, por direito de passagem. Deixame ir, lhe tornei eu agoniada: porẽm certamente naõ deixaria de perseguir-me, se me naõ occorresse perguntar-lhe de quem era huma bezerra branca, que andava correndo pelo paúl, e que infalivelmente se tinha desgarrado: Elle foi a olhar, e eu entre tanto escapei por outra parte, e já tinha corrido hum bom pedaço, quando o mofino percebeo a logração, e se poz a correr atraz de mim com toda a força. Mas que tens, que estás taõ pensativo?

EV. Eu?

ALC. Sim , tu ; parece que tens de dizer-me alguma cousa , que te afflige. Vamos , não me inquietes.

EV. Eu ... não sei se to diga.

ALC. Se mo não dizes , ainda fico com maior cuidado.

EV. Pois a dizer a verdade , o que me inquieta são as domoras , com que meu pai retarda a nossa felicidade. Parece que foge de se achar só comigo ; e quando o não póde evitar , se vou a fallar-lhe do nosso amor , como que se perturba , e responde-me sempre com palavras vagas , e duvidosas.

ALC. O modo , com que minha mãe procede a este mesmo respeito , me causa igual cuidado.

EV. Elle hontem offereceo aos Deoses as primicias das cinco arvores , que plantou na minha primeira primavera. Eu passei casualmente por aquelle sitio ; e pa-

ra o não perturbar, me escondi entre os ramos, e lhe ouvi proferir esta oração: Deoses benignos, escutai meus votos, e aceitai minhas ofertas. Sede favoraveis a meu filho, cumpri, para sua felicidade, o extraordinario destino, que o espera. Elle continuou a orar; porém o vento, que movia as folhas, me não deixou ouvir mais cousa alguma.

ALC. Ah! quanto desejo, que o Cco escute favoravel os seus rogos!

EV. Qual será o destino, que me espera? Permittaõ os Deoses, que seja feliz. Ah! só o teu amor me póde fazer ditoso.

ALC. Meu amado, não nos affijamos com estas tristes ideas. Nunca recêemos hum infortunio, que talvez nunca acontecerá. Vamos, recobra a tua alegria. Mostra o semblante risonho á tua Al-

cina. Olha, cantemos ambos aquella canção, que he tanto do nosso gosto.

EV. Quando estou contigo, todos os meus cuidados desaparecem. Principia, que eu cantarei depois.

ALC. Eu principio já.

Quando foge a Primavera,  
E Zefiro os campos deixa,  
A Natureza se queixa,  
Flora saudosa suspira,  
Séca o prado, a rosa expira,  
De nós se ausenta o prazer.

Assim, ó caro,  
De ti distante,  
Meu peito amante,  
De dor ferido,  
Sinto abatido  
Desfallecer.

EVANDRO.

Quando a fresca Primavera  
A's nossas campinas volta,

A alegria vôa solta,  
Recobra o prado a belleza,  
Renova-se a Natureza,  
Torna o rizo, e o prazer.

Assim, ó cara,  
Foge o desgosto,  
Quando o teu rosto  
Gentil diviso:  
Teu doce rizo  
Me faz viver.

AMBOS.

Sim, bem amado,  
Juro adorar-te,  
Ser firme juro,  
Por este puro,  
Sagrado asylo  
Do nosso amor.

ALCINA.

Quando o Inverno preguiçoso  
Prende o abelha diligente,  
Ella geme impaciente  
Pela alegre Primavera,  
O descanso mal tolera,  
So deseja trabalhar.

A tua Alcina  
Igual dôr sente ,  
Vendo-se ausente  
Do doce emprego ,  
Está sem secego  
A suspirar.

EVANDRO.

Quando os ares embalsama  
A encarnada rosa aberta ,  
Alegre a abelha desperta ,  
Ao trabalho se destina ,  
E por toda esta campina  
Corre as flores a libar.

Assim , por ver-te ,  
Apresso os passos ,  
Entre teus braços  
Assim me lanço ,  
Onde descanso  
Só posso achar.

AMBOS.

Sim , bem amado ,  
Juro adorar-te ,  
Ser firme juro ,  
Por este puro ,

Sagrado asylo  
Do nosso amor.

---

S C E N A VI.

ALCINA , EVANDRO , ALEIXO.

AL. Cantais excellentemente.

ALC. Como! pois já voltaste?  
Ou não te foste ainda embora?  
A graça não estaria má.

AL. Eu retirei-me, e ao voltar  
ouvi sómente as ultimas palavras  
da vossa cantiga.

ALC. E então que queres ago-  
ra, mofino, impertinente?

AL. O affecto, que te tenho,  
he que me fez aqui tornar. Vós  
estais entretidos a cantar, e a  
dizer finezas hum ao outro, sem  
reparar no que se passa aqui bem  
perto. Não ouvís na praia hum  
grande estrondo?

EV. E de que procede elle?

ALC. Os navios, de que fallava Alcano, já chegáraõ.

AL. E entaõ, que temos nós com isso?

ALC. Nada ; se estais ainda com animo de zombar de mim.

EV. Acaba o que querias dizer.

AL. Já naõ tenho nada que dizer.

ALC. Ora faze tambem papel de homem picado ! Falla , falla.

AL. Os estrangeiros , que vinhaõ nos navios , já desembarcáraõ , e estaõ levantando as suas tendas de campanha neste arvoredõ visinho. Eu queria avisar-vos , para que elles vos naõ apanhassem descuidados , pois que ainda naõ sabemos os seus intentos , e julgo , que aqui naõ estais seguros.

ALC. Eu te agradeço , Aleixo , esse cuidado. Na verdade estou

( 26 )

cheia de susto. Vamos, vamos d'aqui já.

---

ACTO II.

---

SCENA I.

( *Vista de barracas ao longe por entre as arvores.* )

PYRRO, ARATES.

PYRR. Com que impaciencia desejo tornar a ver meu filho! Agora posso dar-lhe sem receio todas as demonstrações da minha ternura. Hum Oraculo me ordenou, que o deixasse viver desoito annos occulto entre os pastores; e agora justamente tem passado desoito Primaveras, desde que elle vive. Quando o enviei

para este sitio, era taõ bello, como se costuma pintar o amor. Espero, que elle naõ terá degenerado dos principios naturaes de virtude, e probidade.

AR. Eu naõ estou menos desejoso de ver já este novo Principe. Que felicidade seria a nossa, se ambos achassemos nossos filhos no estado, em que desejamos! Ha desaseis annos, como bem sabeis, que mandei minha filha para este mesmo lugar, obedecendo á ordem, que o Ceo me intimou em hum sonho. Agora, antes de me embarcar, offereci sacrificios aos Deoses domesticos, os quaes, apparecendo-me duas vezes, me promettêraõ, que os votos, que eu tinha feito pela felicidade da minha familia, me seriaõ satisfeitos.

PYRR. Os Deoses se dignem attender aos nossos desejos! Talvez que meu filho deixe com pezar

o socego, de que goza entre os pastores, e a fresca sombra destas frondosas arvores. As bellezas rusticas do campo fazem em mim huma impressã tao doce, e tao vehemente, que penetra até o intimo de minha alma. Parece-me que respiro hum ar mais puro, e sadio neste asylo da bella, e simples natureza. Sinto os mesmos effeitos, que experimentaõ aquelles, que depois de huma dilatada, e triste ausencia, voltaõ outra vez ao paiz, aonde nasceraõ.

AR. O nosso modo de viver he, na verdade, tao desviado da primitiva simplicidade da natureza, que ella nos he já inteiramente estranha: e a imagem da vida campestre deve fazer grande impressã em todos aquelles, em cuja alma o costume de viver nas Cidades não tem inteiramente abafado o gosto desta nobre simplicidade.

PYRR. Ha já huma hora, que espero por meu filho. Ahi vem hum moço de taõ bom parecer ; que se fosse este, ficariaõ bem cumpridas as minhas esperanças. Elle vem direito a nós.

---

S C E N A II.

PYRRO , ARATES , EVANDRO.

EV. Senhores, o Ceo vos guarde.

PYRR. Bom dia, pastor. Que motivo te traz aqui? He curiosidade, ou negocio?

EV. He curiosidade. Para nós sempre he cousa nova ver gente da Cidade. Porém dizei-me, Senhores, naõ viestes na companhia do Principe de Crissa, que honrem aportou a esta praia?

AR. Viemos, sim.

PYRR. Dize-me, pastor, não largarias de boa-vontade a triste vida, que aqui levas, para vires comnosco para a Cidade?

EV. Eu! Deos me livre. Fui huma vez a Delfos, sendo ainda pequeno. Andava pasmado de tudo quanto via. Mas nem por isso quero trocar as nossas formosas campinas pela Cidade, aonde he necessario correr tantas ruas, antes que a gente chegue ao campo livre.

PYRR. Como és simples! Tu facilmente te costumarias ao nosso modo de viver.

EV. Havia de custar-me muito a ir morar entre gente, que tem costumes tão diversos dos nossos. Zombaõ da nossa simplicidade: mas o certo he, que nem por isso somos menos felizes. Elles necessitaõ de infinitas cousas, para contentarem os seus desejos; nós

porém vivemos satisfeitos com o que possuimos; cultivamos os campos em paz; cuidamos dos rebanhos, e a sua fecundidade he toda a recompensa de nossos trabalhos. Na opinião dos da Cidade, a nossa abundancia não he mais que pobreza. Não póde haver idea mais extravagante. Não, Senhores, eu não desejo voltar á Cidade. Quando lá hia, parava a cada passo, ficava pasmado, olhando para essas casas grandes, que são tão altas, como os montes, e cujos moradores são mais pequenos que nós. A gente, que passava, mofava de mim, e principalmente quando eu lhe fazia alguma pergunta. Pastorinho, dizia hum, sabes cantar? Sim, sei, respondia eu, e então cantava muito alto a mais bonita cantiga, que sabia. Ajuntava-se muita gente ao redor de mim, e

zombavaõ do meu canto. Pois eu certamente canto bem , e todos os pastores o confessãõ. As mulheres da Cidade tambem me naõ agradaõ. Quando eu saudava alguma cortezmente, ella hia andando o seu caminho, como se me naõ visse; e quanto a mim, naõ saõ taõ formosas, nem taõ gallardas, como as nossas pastoras.

PYRR. Se tu me amasses tanto, como eu te amo, naõ te escusarias de vir comigo.

EV. Assim que vos vi, logo vos cobrei affeicãõ. Mas será justo, que, para vos acompanhar, desampare a meu pai, a quem tambem amo, e cuja velhice demanda a minha assistencia? Elle cuidou de mim com o maior desvelo na minha infancia; naõ devo eu recompensar-lhe este beneficio na decadencia de seus an-

nos? Deixai-vos antes, Senhores, ficar nestes campos: nós vos daremos o melhor de nossas arvores, e de nossos rebanhos. Porém estou aqui perdendo o tempo, e não me dizeis, aonde poderei achar o Príncipe?

AR. Dize-nos o que lhe queres.

EV. Meu pai me mandou trazer-lhe esta fruta. Eu a colhi das arvores, que elle mesmo plantou ha desoito annos, quando eu entrava na minha primeira Primavera. A fruta, que aqui trago, he madura, e doce, como o mel. Mas dizei-me, Senhores, aonde estará o Príncipe?

PYRR. (*Para Arates.*) O' Deoses! meu filho tem aquella mesma idade. A pessoa, a quem o entregá-raõ, havia de plantar arvores nessa Primavera. Arates, ah! se este fosse o meu filho!

AR. A vossa conjectura he bem fundada. Que outro pastor vos havia de mandar este presente ?

EV. Com que não quereis dizer-me aonde está o Principe ? Pois entaõ vou-me embora ; tenho ainda muito que fazer no nosso pomar, e tambem saõ horas de ir cuidar do rebanho. Demais, a minha pastora está-me esperando na fonte.

PYRR. Ora pois, sabe, pastor, que eu sou o que procuras.

EV. Sois vós o Principe de Crissa ?

PYRR. Sim, eu sou. Aonde está teu pai, e qual he o seu nome ?

EV. Meu pai mora atraz daquellas arvores, e chama-se Albano.

PYRR. ( *Para Arates.* ) Ah meu amigo ! Não sei como não corro já a abraça-lo. Aquelle he o nome do pastor, a quem entregáraõ meu filho.

AR. Eu estou quasi certo , que elle he este.

EV. Olhai ; aqui vem meu pai.

---

S C E N A III.

PYRRO, ARATES, ALBANO, EVANDRO , hum Criado de Pyrro.

CRIA. (*Para Pyrro.*) Senhor , este he o homem , a quem , ha desoito annos , entreguei vosso filho.

PYRR. (*Para Albano.*) Sois vós , meu amigo , a pessoa , a quem , ha desoito annos , se entregou hum menino ?

ALB. Sim , Senhor , eu sou , e esse menino he o que agora vos vem offerecer esta fruta da minha parte. Ella foi colhida das arvores , que plantei na mesma Primavera , em que o recebi , e es-

te he o escrito fechado, que juntamente com elle me entregáraõ.

EV. O' Deoses! que he o que escuto?

PYRR. (*Para Evandro.*) Ah! que não me enganei. Dá-me os braços: tu és o meu filho: vem abraçar a teu venturoso pai. (*Abraçaõ-se.*)

EV. (*Para Pyrrro.*) Meu pai, õs Deoses vos abençoem.

PYRR. Sim, eu sou teu pai. Pouco depois do teu nascimento me ordenáraõ os Deoses, que e apartasse da minha companhia, te para lhes obedecer, confiei deste pastor o cuidado da tua infancia.

EV. (*Para Albano.*) E entãõ tu não és meu pai? Ah! eu te darei sempre este nome, que taõ justamente merece o amor, com que em todo o tempo me trataste.

PYRR. Aceitai, benignos Deo-

ses, as minhas acções de graças, por me haverdes dado hum filho tão sensível, e tão grato. Mas como poderei eu, meu amigo (*para Albano*) recompensar-te a obrigação, que te devo?

ALB. Sejaõ louvados os Deoses, pois se dignáraõ de cumprir os meus votos. Eu me darei por bem pago do cuidado, com que eduquei a Evandro, se elle for feliz, e se não esquecer nunca de me amar. Todos os mais bens me saõ desnecessarios.

PYRR. Ah! pastores, quanto he digna de inveja a vossa sorte! Mas, Arates, não he justo, que eu me entregue por mais tempo aos transportes da alegria, sem dar graças aos Deoses por tão grande beneficio. Vamos já offercer-lhes hum sacrificio. E tu, meu filho, demora-te aqui, que eu brevemente volto. A minha

Corte vem logo procurar-te, desejosa de ver o seu Principe, e cheia de gosto, pelo haver recuperado.

---

S C E N A IV.

EVANDRO. *Só.*

Estou fóra de mim; não sei se durmo, ou se estou acordado. O que devo fazer, em quanto estou só, he ir procurar Alcina, e contar-lhe o que succede. Mas para aqui se encaminha não sei quem. Que homem será este, que me faz tão profundas cortesias?

S C E N A V.

EVANDRO, hum CORTESAÕ.

CORT. Meu Principe, dai-me licença, para vos mostrar o jubilo, e alegria, que me transporta.

EV. Por que razaõ, meu amigo?

CORT. Por se haver finalmente cumprido a vontade do Oraculo, e ser chegado o tempo, em que haveis de deixar essa vida triste, e humilde, a que a sorte rigorosa condemnou os primeiros annos da vossa vida.

EV. Eu louvo os Deoses, pelo haverem assim ordenado. Em nenhum tempo me esquecerei dos dias felizes da minha mocidade, e dos agradaveis exercicios, e innocentes prazeres.

CORT. Prazeres innocentes !

Ha , ha , ha ; meu Principe , vós ainda não conheceis o prazer. Vinde para a Corte , e só ahi o haveis de encontrar. Eu certamente nunca dariã graças aos Deoses , por me desterrarem para estes montes.

EV. Pois julgar-te-hias infeliz , se te visses obrigado a morar em hum sitio taõ delicioso como este ?

CORT. Talvez me não desagradasse , se tivesse comigo huma sociedade de meu gosto.

EV. E não experimentas huma agradável sensaçã á vista das belezas da natureza , humas vezes simples , e outras variadas ?

CORT. Só quem não conhece outra cousa melhor , he que póde encontrar nisso algum prazer.

EV. Quando huma formosa Aurora raia sobre os outeiros cobertos da verdura : quando ella desperta os passarinhos , e anima

as flores, não sentes prazer algum?

CORT. A Aurora! He cousa, que nunca vi.

EV. Nenhum pastor certamente invejará essa felicidade.

CORT. Não dúvido. Elles não são capazes de comprehender a felicidade, que eu possuo.

EV. Mas dize-me, quem és tu?

CORT. Eu, Senhor, pertença á Corte.

EV. E qual he a tua occupação na Corte?

CORT. ( *A parte.* ) Supponho que entende, que ando lá apascentando algum rebanho. ( *Para Evandro.* ) Qual he a minha occupação? He vestir-me magnificamente, ter hum a mêza esplendida, dançar, inventar divertimentos novos, cortejar as damas...

EV. E não tens mais nada, em que te occupes?

CORT. Mais nada. Que mais querieis vós, que eu fizesse ?

EV. Pois nós, que somos gente simples, não chamamos occupação, senão áquillo, que nos faz uteis aos outros homens. Quando trabalhamos para elles, julgamos trabalhar para o nosso proprio prazer, e felicidade; e estimamos mais a industria da abelha, do que o inutil enfeite da borboleta.

CORT. (*A parte.*) O' Ceos, que baixeza de pensamentos! Como o nosso Principe mostra bem, que foi creado entre rusticos! (*Para Evandro.*) A gente ordinaria passa a vida trabalhando, e afadigando-se, para ganhar de comer; porém só nós os homens de Corte he que sabemos viver. Huma perpetua variedade de prazeres dissipa continuamente todas as ideas, que poderiaõ entris-

tecer-nos. Nos espectáculos públicos pagamos a homens, que para nos divertirem, muitas vezes rebentaõ, ou se aleijaõ, ou que talvez, para conseguirem o nosso applauso, expõem a vida, correndo em cavallos bravos, e indomitos. As pessoas da nossa qualidade nunca se arriscaõ a semelhantes perigos: nós temos o privilegio de passar a vida nos deleites, e na ociosidade. Corremos de prazeres em prazeres, e com a mesma variedade cortejamos todas as damas. Todas as da Cõrte se rendêraõ já aos meus obsequios; mas nenhuma pôde queixar-se de que eu lhe fosse constante.

EV. Se assim he, ou tens hum coração taõ enregelado, como as nossas plantas no rigor do inverno, ou essas damas são fêas em demazia.

CORT. Ellas saõ das mais formosas ; mas eu gósto tanto da variedade , que me he impossivel amar alguma dellas com perseverança. Esta fidelidade entre a gente civilizada he cousa de rizo. Suspirar sempre pelo mesmo objecto ? ha , - ha , ha... Já humma vez em minha vida, por signal que ha bastantes annos, se me metteo em cabeça querer ser constante; porém soube libertarme desta tyrannia. Verdade he , que a dama era mais formosa , que a Deosa Venus. Ainda assim, parece-me que sempre cheguei a ama-la quazi hum dia inteiro , o Ceo me perdoe. Ha , ha , ha...

EV. Não póde haver maior loucura. (*A parte.*) Compadeço-me da tua ignorancia. Sabes tantas cousas, e não sabes, que a felicidade de amar he a maior, que os Deoses concedêraõ ao ho-

mem. Mal sabes o que perdes em seres tão pouco sensível ao prazer mais delicioso da vida. Quando assim fallas, acho-te tão pouca razão, como se me disseses que a pera saborosa amarga, e que o cheiro da rosa he desagradável ao olfato.

CORT. Esse modo de pensar, meu Principe, não me admira, attendendo a educação, que tivestes; mas estou certo, que vós mesmo o haveis brevemente de achar ridiculo.

EV. Nunca os Deoses, o permittaõ. Mais facil será produzir esses matos saborosos pomos, do que mudar eu de pensamento.

CORT. Dai-me licença, Senhor, para me retirar, e aceitai benignamente estes testemunhos do meu respeito.

EV. Pódes auzentar-te: já estou enfadado de te ouvir.

CORT. (*A parte.*) O' Deoses ,  
como he simples ! como he ridi-  
culo ! He consciencia aparta-lo  
dos seus rebanhos.

---

S C E N A VI.

EVANDRO, O CAPITAÕ da Guar-  
da de Pyrro.

EV. (*Olhando para todas as  
partes.*) Graças ao Ceo , que se  
aumentou. Nunca vî homem mais  
enfadonho. Mas he necessario per-  
guntar a este , que aqui vem ,  
por que razaõ anda assim carre-  
gado de armas. Quem és tu, meu  
amigo ? Que significa todo esse  
terrivel apparatus ? Para que trazes  
na maõ essa vara guarnecida de  
ferro ? Que he isso , que trazes  
pendente ao lado ?

CAP. Esta , meu Principe , he  
a minha espada.

EV. Mas para que andas carregado dessa maneira, em tempo de paz? Eu certamente zombaria de hum homem, que pelo Inverno trouxesse consigo todos os instrumentos, de que se serve no Veraõ, para cultivar os campos, ou os pomares.

CAP. Eu sou o Commandante da guarda do Principe vosso pai.

EV. Entaõ tens mais companheiros? E andais sempre apercebidos desse modo?

CAP. Sim, Senhor, somos muitos, e sempre assim andamos preparados. Ha, ha, ha... Perdoai-me, meu Principe, naõ posso conter o rizo.

EV. Viveis por ventura em algum paiz, aonde estejais sempre expostos a continuos perigos?

CAP. Porque dizeis isso, meu Principe?

EV. Porque vejo que andais

sempre apercebidos. Talvez se-  
reis lá infestados dos lobos , e  
de outros animaes carniceiros. Nós  
certamente não necessitamos de  
tantas precauções. As feras raras  
vezes acommettem nossos reba-  
nhos. O vosso paiz não ha de  
ser bom para os gados.

CAP. Na região , em que vive-  
mos , não se conhecem esses ani-  
maes ferozes , senão pelo nome.

EV. Então sem necessidade guar-  
dais o vosso Principe com tanto  
cuidado.

CAP. Sem necessidade, Senhor?  
O nosso Soberano póde ter entre  
setes mesmos vassallos inimigos  
encobertos , os quaes devemos  
desviar de sua pessoa.

EV. Muito má gente ha de  
ser essa , e entre ella não quizé-  
ra eu viver. Isso he o mesmo ,  
que se guardassem hum pai de  
seus proprios filhos. Ceos! para

que terra me quereis levar! Po-  
rém vós certamente haveis de ter  
outra occupaçaõ, além da de guar-  
dar a pessoa de vosso Soberano.

CAP. Sim, meu Principe, nós  
tambem o acompanhamos na guer-  
ra. Quando hum Rei quer esten-  
der os seus dominios, marcha-  
mos com grande numero de tro-  
pas para as terras dos Principes  
visinhos, os quaes nos sahem ao  
encontro com outros tantos ho-  
mens armados, ou talvez com  
mais. Formaõ-se ambos os exerci-  
tos em batalha: trava-se a pele-  
ja, cada hum mata os mais que  
póde, levantaõ-se aos mais vale-  
rosos ...

EV. Espera, espera, que enten-  
des por homem valeroso? A quem  
dás tu esse nome?

CAP. ( *A parte.* ) O' Deoses,  
que simplicidade! Já vejo que he  
necessario fallar-lhe como a hum

menino ; não tem idea alguma da gloria , nem do valor. (*Para Evandro.* ) Os mais valerosos são os que tem morto maior numero de inimigos , e que lhes tem feito maiores estragos. Para illustrar sua memoria , lhes levantamos estatuas de marmore , ou de bronze.

EV. Isso he horroroso. Basta , não quero saber mais : ainda estou tremendo do que te ouvi. Mas meu pai certamente não he Principe cruel.

CAP. Não ; Pyrrro he hum Rei pacifico ; e por isso passamos socegadamente os nossos dias nos honrosos póstos , que occupamos no seu serviço. Elle nos não dá jámais occasiões de adquirirmos gloria.

EV. E tu queixas-te disso ? O' Deoses ! A destruição , e a morte dos outros homens são entre

vós meios de adquirir gloria? Eu estou certo, que nós olhariamos com horror para hum homem, que se apossasse por força do campo do seu visinho. Esta injustiça com tudo seria bem pequena, em comparação das crueis violencias, que acabas de referir-me.

CAP. Assim he; porém o cazo he muito diverso. Esse homem iria a enforçar irremissivelmente.

EV. Ah! já não tenho soffrimento para ouvir mais. Retira-te: o meu coração clama contra tudo o que me tens dito. Já não quero saber mais; não quero ver pessoa alguma... Mas aqui vem outro.

---

S C E N A VII.

EVANDRO , outro CORTESAÕ.

CORT. Senhor , dê-me V. Alteza licença ( *Faz huma profunda reverencia* ).

EV. Que celebre homem he este ! Tu que queres ? andas procurando pelo chaõ alguma cousa , que perdessees ?

CORT. Naõ , meu Principe : eu só pertendo , que V. Alteza aceite benignamente esta demonstração do profundo respeito , com que eu... ( *Prostra-se por terra.* )

EV. Está galante ! Eis-ahi justamente o que faz o meu caõ , quando me naõ tem visto ha muito tempo. Mas para que te humilhaes desse modo ?

CORT. Para implorar , Senhor , a vossa protecção ; e protestar ,

que sou o mais fiel de vossos escravos.

EV. Escravo! compadeço-me do teu destino. Por que infortunio cahiste em tanta miseria? Eu sempre ouvi dizer, que os homens não podiaõ chegar a estado mais triste, e lastimoso.

CORT. Eu, Senhor, não sou desses escravos, a quem o destino privou da liberdade, ou que a perdêraõ por seus delictos. Mas o respeito, com que venero a vossa pessoa, faz com que voluntariamente sujeite a minha obediencia a tudo quanto me quizerdes ordenar. Eu só serei feliz, se....

EV. Tudo o que posso colligir de quanto me tens dito he, que não estás em teu juizo. Retira-te.

---

S C E N A VIII.

EVANDRO. *Só.*

Que casta de gente he esta?  
Eu estou fóra de mim. Tomára  
que tudo isto fosse sonho. Mas  
aqui vem hum homem, cujo as-  
pecto me infunde veneração.

---

S C E N A IX.

EVANDRO, hum SABIO.

EV. Dize-me, meu amigo, se  
durmo, ou se estou acordado?  
Teu respeitavel semblante me  
persuade, que serás homem sen-  
sato.

SAB. Não vos enganais, meu  
Principe. Eu possuo a chave de  
todas as sciencias. Os que se u-

tilizaõ das minhas lições, excedem em sabedoria aos demais homens.

EV. Quanto estimo haver-te encontrado ! Dize-me, sabes o modo de cultivar os campos, e de tratar das plantas?

SAB. Não, meu Príncipe.

EV. Tens noticia da maneira de criar os gados, e de curar suas enfermidades?

SAB. Tambem he cousa, que ignoro.

EV. Pois não conheces a virtude das hervas, e das plantas?

SAB. Não.

EV. Talvez te dedicarias ás Musas, e serás autor de algumas dessas bellas composições, que deleitaõ o espirito, e o recreaõ.

SAB. Eu Poeta? Os Deoses me guardem.

EV. Não te posso entender. Sabes ao menos o que he util, e

necessario aos teus concidadaõs ,  
e o que elles devem praticar , ou  
evitar , para serem felizes ?

SAB. Nunca perdi o tempo nes-  
sas bagatellas.

EV. Entaõ necessariamente has  
de saber alguma cousa muito  
mais importante , que tudo isto.

SAB. Certamente. Eu tenho con-  
tado as estrellas; fállo as lingoas  
das nações mais remotas; tenho  
calculado quantos graõs de arêa  
cabem no espaço de huma legoa,  
e ha pouco tempo descobri na  
Lua huma nova mancha , que ti-  
nha escapado ao mesmo Endymiaõ.

EV. Oh Deoses ! como sa-  
hiraõ erradas as minhas esperan-  
ças ! Vai-te , deixa-me em paz.  
Estou fóra de mim ; e cada vez  
cresce mais o meu assombro.

---

ACTO II.

---

SCENA I.



ALCINA, FELICIA, hum CRIADO  
de Arates.

ALC. Vedes, minha mãe? Alli  
estão as barracas. Eu certamente  
vou fallar a esta gente com mui-  
to susto.

FEL. Não tenhas receio, minha  
filha. Estes Senhores da Cidade  
trataõ as pastoras com muito a-  
grado.

ALC. Pois, por isso mesmo,  
naõ gósto delles.

CRIA.. Esperai aqui hum pouco.  
Eu vou dar parte a meu amo, de  
que estais aqui.

---

S C E N A II.

ALCINA, FELICIA.

ALC. Mas dizei-me, minha mãe, esta capella de flores estará bem assim? Porém vós nunca me dais tempo para tecer novas grinaldas, nem para ver na fonte como ellas me ficam. Estes Senhores certamente haõ de dizer, que eu sou...

FEL. Ora só isso me faria rir. Eis-aqui como saõ as pastoras; naõ ha homem algum, a quem naõ queiraõ parecer bem.

ALC. Naõ, eu certamente só quero parecer bem ao meu pastor. Mas porque me naõ dizeis...

FEL. Sim, sim, menina, succeda; essas flores ficam-te excellentemente.

ALC. Naõ he isso o que vos

pergunto. Dizei-me, que viemos  
nós aqui fazer? Tomára já ver-me  
fóra deste lugar.

FEL. Minha querida filha, aqui  
saberás cousas, que te causarão  
grande admiração. Daqui a pou-  
co deixarás esta terra, e a minha  
cabana.

ALC. Eu? eu deixar-vos? Tal  
não farei. Para que me quereis af-  
figir com esses ditos?

FEL. Minha filha, tu has de ir  
para a Cidade com estes Senhores.

ALC. Não vou certamente.  
Antes me irei esconder nesse  
bosque, do que ausentar-me na  
companhia de semelhante gente.  
Minha mãe, vinde comigo, antes  
que chegue alguém, senão fujo  
só.

FEL. ( *Detendo-a.* ) Espera,  
espera, aonde vás?

ALC. Pelo amor de Deos, dei-  
xai-me ir embora.

FEL. Ouve o que te quero dizer. Aqui acharás teu verdadeiro pai.

ALC. Meu pai?

FEL. Sim ; eu não sou tua mãe, ainda que te amo mais do que se fosses minha filha.

ALC. Se me amasseis, não me estarieis dizendo cousas, que tanto me afiigem.

FEL. Não, minha querida Alcina, eu não sou tua mãe. Tu és filha de hum Fidalgo da Cidade. Ha dezaseis annos, que me foste entregue por este homem, que aqui nos trouxe, em cumprimento de huma ordem dos Deoses, que teu pai recebeo em sonhos. Elle está aqui agora, e vem procurar-te.

ALC. O' Deoses! Quanto me deixais admirada! Estou fóra de mim, e ainda não posso crer o que ouvi. Mas, vós certamente

me dizeis a verdade, pois não podieis fazer gosto de me affligir com graças tão peizadas. Sendo isto assim, he necessario, que Evandro, e vós venhais ambos comigo para a Cidade. Haveris de vir; sim? senão tambem eu não vou; certamente não vou. Olhai, não vedes hum Senhor, que sahe daquella barraca? Não póde deixar de ser algum Fidalgo, porque traz hum vestido, que reluz todo com ouro. Que presença tão cheia de bondade! O coração se me alvoroça. Ah! se aqui está meu pai, o Ceo permitta, que seja este.

## S C E N A III.

ARATES , ALCINA , FELICIA ,  
CRIADO de Arates, duas CRIA-  
DAS.

AR. ( *A parte para o Cria-*  
*do.* ) Fica certo, que hei de sa-  
ber premiar o importante servi-  
ço, que te devo. He esta a mu-  
lher, a quem entregaste minha  
filha? ( *Apontando para Felicia.* )

CRIA. ( *A parte para Arates.* )  
Sim, Senhor, esta he. Eu a conhe-  
ceria só pelas feições do rosto,  
ainda quando ella me não tivesse  
apresentado o anel, que já vos en-  
treguei. A outra he vossa filha;  
he tão formosa, que sentireis gran-  
de contentamento em a recuperar.

AR. ( *Caminbando para sua fi-*  
*lha.* ) Eu te abençoô, minha  
querida filha. Deoses! como he

formosa ! A vossa benignidade me concedeo ainda mais , do que eu vos pedia. Minha querida filha , vem abraçar a teu pai.

ALC. Ah ! o coração me dizia , que vós , Senhor , ereis meu pai.

AR. Que pai póde haver mais feliz , do que eu ? Que alegria me banha o coração ! Ah ! minha filha.

ALC. Ah , meu querido pai !

AR. Demos graças aos Deoses , que nos concedêraõ taõ assinalados favores. Ah honrada mulher ! ( *Para Felicia.* ) que bem succedidos foraõ os teus cuidados !

FEL. Os Deoses quizerãõ abençoá-los. Eu vos entrego , Senhor , a vossa filha , que he sem dúvida a mais amavel menina , que podieis desejar.

AR. Quanto devo estimar a innocencia de seu candido coração ! O teu trabalho , virtuosa pasto-

ra, será bem recompensado. Deixa-me abraçar-te outra vez, minha querida filha. (*Para Alcina*)

ALC. Com que prazer abraço hum pai, que me ama com tanto extremo.

AR. Felicia póde voltar á cabana, e dispôr a sua vida, e daqui a pouco a mandarei buscar, para ir comnosco para a Cidade. Eu vou agora procurar o Principe, para lhe dar parte da minha ventura. E tu, minha filha, fica com estas mulheres, que eu trouxe comigo, para te servirem, Logo nos veremos na minha barraca.

#### S C E N A IV.

ALCINA, FELICIA, duas CRIADAS.

FEL. Adeos, minha filha. Nunca te chamarei por outro nome.

Eu volto para a minha cabana.

ALC. A Deos, minha mãe.  
Mas não vos demoreis lá muito  
tempo ; promettei-me de voltar  
logo.

FEL. Sim, eu te prometto de  
tornar, assim que estiver prom-  
pta para partir.

---

## SCENA V.

ALCINA, duas CRIADAS.

I. CRIA. Nós, Senhora, temos  
por grande ventura haver sido  
destinadas para vos servir.

II. CRIA. Sim, minha Senho-  
ra, nós seremos muito felizes,  
se quizerdes honrar-nos com a  
vossa benevolencia.

ALC. He bondade vossa, mi-  
nhas bellas Senhoras, querer mos-  
trar-me tanta amizade na primei-

E

ra occasião , em que me vedes.

I. CRIA. Nós estamos ás vossas ordens , para vos servir em tudo. Este he o ministerio , a que vosso pai nos destinou.

ALC. Nem entendo o que me quereis dizer nisso , nem sei que tenha cousa , em que possa occupar-vos. Como he possivel , que huma só pessoa necessite de tantas cousas , que lhe seja preciso ter outras duas continuamente ao seu lado ? Ella entaõ não terá outra occupação mais , do que estar olhando para as outras com as mãos debaixo dos braços , em quanto estas se occupaõ inteiramente em a servir.

II. CRIA. Huma Fidalga deve cuidar unicamente em se adornar , e em dar novos realces á sua formosura. Tudo o mais corre por nossa conta. Ao menor aceno executamos todas as suas vontades.

Ella tem sempre mil bagatellas , em que nos occupe.

ALC. Não posso comprehender como isso seja ; e parece-me coisa tão ridicula , como se, podendo eu colher huma flor sem algum trabalho , ordenasse á minha companhêira , que a colhesse , para má dar.

I. CRIA. Ainda que a flor estivesse junto a vós , não devieis ter o incommodo de vos abaixar , para a colher.

ALC. Eu certamente nunca serei tão insolente , nem tão desmazelada , que faça tal.

II. CRIA. Dai-me licença , Senhora , para vos dizer , que deveis esquecer-vos dos costumes do campo , para abraçar os da Côrte. Huma Senhora illustre deve saber portar-se segundo a sua qualidade. Nós temos ordem de vos acompanhar , e de vos dar as instrucções , de que necessitais.

ALC. Eu gosto muito mais dos nossos costumes ; elles são simples , naturaes , e aprendem-se per si mesmos. Entre nós ninguem vem ensinar aos outros como se devem portar , e zombar-se-hia tanto de quem intentasse dar semelhantes lições, como d'aquelle que quizesse ensinar a hum passaro hum canto diverso do que lhe ensinou a natureza. Porém dizei-me , de que modo se vive na Cidade ; pois me está parecendo , que o não hei de achar de meu gosto.

II. CRIA. Pela manhã , quando acordardes , o que nunca deve ser antes do meio dia , porque as Fidalgas não despertaõ á mesma hora , que a gente ordinaria...

ALC. Ao meio dia ? Entãõ não hei de ouvir mais o canto dos passarinhos ao romper da aurora ? não hei de ver nascer o Sol ?

I. CRIA. Esses prazeres, que vós tanto estimais, fariaõ compaixaõ ás Damas da Côrte.

ALC. Meninas, não posso achar razaõ no que me dizeis. Já vejo, que devo aparelhar-me para viver de hum modo bem extravagante. O principio não he máo: vamos adiante.

II. CRIA. Em vos querendo levantar, entramos nós no vosso quarto, para vos vestir, e nesta occupaçaõ deveis gastar sempre mais de huma hora. Passais depois o resto da manhã em consultar com o espelho, e retocar tudo o que nós fizemos.

ALC. Esses vestidos devem de ser bem extraordinarios, pois que tendo duas companheiras para me ajudarem, não posso estar prompta dentro de huma hora. Aqui, aonde me vedes, estou taõ bem vestida, e taõ accada,

como qualquer pastora da minha aldêa. Todas as manhãs lavo a cara com agua da nossa fonte, entranço os cabellos, enfeito-os com flores, e faço hum ramo para o peito. Pois assim mesmo, já quando nasce o Sol, estou vestida, e prompta para trabalhar.

I. CRIA. Tudo isso he bom para as pessoas, que vivem no campo.

II. CRIA. Quando chegardes á Cidade, haõ de vir logo todos visitar-vos. Vós sereis o assumpto da conversaçõ em todas as assemblêas; os Fidalgos moços virãõ á competencia fazer-vos cõrte; sereis convidada para todo o genero de divertimentos; passareis o tempo em bailes, serenatas, banquetes magnificos, e delicados, e finalmente em mil prazeres de infinita variedade.

ALC. Assim he : porém todos

esses divertimentos serãõ á custa da minha liberdade, e certamente me serãõ pezados, se me obrigarem a condescender sempre com a vontade dos outros, sem poder jámais fazer a minha.

I. CRIA. A vossa formosura necessariamente vos ha de conciliar muitos amantes. Será necessario, ( e nisto deveis pôr o maior cuidado ) que façais estudo em agradar a todos, e em dar a cada hum delles pouca esperança. Quantos mais amantes tem huma Senhora, mais excita a inveja das outras. Considerai que grande prazer será para vós ver todos vossos amantes competirem huns com os outros na agudeza dos ditos, na magnificencia dos festejos, e nas outras demonstrações da sua paixãõ, tudo a fim de que olheis para cada hum delles com maior agrado, do que para os seus com-

petidores. Vós certamente passareis a vida mais deliciosa.

ALC. Seguro-vos , que nunca viverei desse modo.

II. CRIA. Porque ? Não tereis grande prazer em ver todos os Fidalgos moços fazer-vos côrte, e vossas emulas consumirem-se de inveja ?

ALC. Não ; he cousa , em que não acho algum prazer. Eu não posso , nem quero dissimular os meus sentimentos. A ninguem darci a entender , que o amo, se na verdade o não amar, e todos esses Fidalgos me importunarão, intimando-me o seu amor, porque certamente nunca hei de amar , senão aquelle , a quem já entreguei o coração.

II. CRIA. Como ! pois vós amais já ?

ALC. Amo , sim , não me envergonho de o confessar. Amo com

todo o coração a hum pastor, e elle me corresponde com igual affecto. He formoso, como o Sol, que nasce; gentil como a Primavera; os mesmos rouxinoes o não igualaõ na suavidade do canto, e...

I. CRIA. Ha, ha, ha. Perdoai-me, minha querida Senhora, mas na verdade não posso já conter o rizo. Esse vosso amor pouco cuidado me dá. Assim que chegardes á Cidade, esquecer-vos-heis logo desse pastor. Entaõ ri-reis muitas vezes de vossa primeira inclinação, vendo os Fidalgos da Cõrte, e comparando o espirito, e agradaveis qualidades destes com a simplicidade de hum pastor. Pobre pastor! quanto me compadeço da sua sorte! Elle sim, que nunca poderá recuperar o bem, que perde. Que lamentações não fará o desgraçado! Como estrugirá com as suas queixas todos os eccos deste contorno!

ALC. Não façais zombaria do meu pastor. Eu vos juro , que primeiro me esquecerei de mim mesma , do que chegue a esquecer-me delle. A nenhum dos vossos Fidalgos darei jámais ouvidos. Sim , meu amado , tu serás o unico , a quem sempre adorarei fiel. Estas verdes arvores morreráõ , e o Sol deixará de alumiar esta formosa campina , antes que a tua Alcina te seja infel. Sim , meu amado , eu faço o juramento. . .

I. CRIA. Não jureis, Senhora: advertí que vosso pai não consentirá , que façais taõ grande injuria ao vosso illustre nascimento.

ALC. ( *Com ira.* ) Que quer dizer , o meu illustre nascimento? Pois póde haver nascimento , que não seja nobre , e honrado? Meninas , nada entendo das vossas lições. Deveis instruir-me com menos subtileza , e mais natura-

lidade. Não, nunca poderei entender essas lições. Estou certa, que meu pai he' prudente, e arazoado. Elle não póde querer, que eu deixe o que mais amo, e que ame o que mais aborreço. Com que saudade vos deixarei, deliciosas solidões, frescas sombras, occupações innocentes! Eu vos preferirei sempre ao tumulto da Cidade. Porém he' forçoso deixar-vos, para acompanhar hum pai, a quem estimo. Mas viria elle aqui buscar-me, para me fazer infeliz? Ah! sim, a minha desventura seria inexplicavel, se meu pai quizesse separar-me daquelle, a quem amo mais, que a mim mesma. Ah! minhas amigas, não me atormenteis com estes crueis receios. Não vos parece, que elles são sem fundamento?

II. CRIA. ( *A' parte.* ) Ella

certamente não vem para a Cidade, se lhe não damos alguma esperança. Coitadinha! o seu mal está muito adiantado. (*Para Alcina.*) Eu espero, Senhora, que vosso pai não quererá violentar as inclinações de huma filha, a quem tanto ama.

ALC. Eu assim o creio: certamente tal não fará. Eu me lançarei entre seus braços; aperta-lo-hei ao peito tão estreitamente, como a hera abraça o olmo, reforçarei os meus rogos com copiosas lagrimas, e sem dúvida... Mas he tempo de me ausentar; o meu pastor ha de estar impaciente da minha tardança.

I. CRIA. (*Detendo-a.*) Perdoai, Senhora, vós não podeis ainda fallar-lhe

ALC. Por que razão? Que vindes a dizer nisso?

II. CRIA. Temos ordem de vos conduzir á tenda, que vos está destinada, para vos vestirem traje correspondente á vossa qualidade.

ALC. Mas não quero, que me demoreis muito tempo: havcis primeiro de prometter-me de vos aviar em menos de huma hora.

II. CRIA. Por esta vez concluiremos tudo em poucos minutos.

ALC., Cumprí o que prometteis, senão...

---

S C E N A VI.

EVANDRO. (*Vestido magnificamente.*)

Desembaracei-me finalmente dos importunos, que tanto me demoráraõ. Ha quanto tempo não vî a minha querida Alcina! Talvez

que até agora me estivesse esperando na fonte. Neste instante de lá venho , mas já era tarde , já Alcina ahi não estava. Debalde a procurei por entre as arvores , que consagramos ao nosso amor. Ah ! com que impaciencia desejo encontra-la ! Saberá ella já o que me tem acontecido ? Tomára contar-lhe tudo ; tomára dizer-lhe , que só ella me póde fazer feliz. Sim , minha amada , só tu podes dar-me toda a felicidade : só em teus braços posso serenar a agitação , que me tem causado tão extraordinarios successos. He verdade , que meu pai ainda não tem noticia do nosso amor ; mas por ventura quererá elle prohibir-me que ame a mais bella , e a mais discreta de todas as pastoras ? Em vão o intentará , pois nunca poderá obrigar-me a faltar aos juramentos , que fiz na

presença dos Deoses. Elle confessará sem difficuldade, que entre todas as Princezas do mundo, nenhuma ha taõ digna de amor, como a minha Alcina. Eu a quero procurar outra vez, quero pedir-lhe, que tome o vestido, de que se orna nos dias de festa, e que he taõ alvo, como a neve; que teça huma grinalda de flores novas, para enfeitar os seus formosos cabellos. Entaõ a conduzi-rei á presença de meu pai; dir-lhe-hei quantas vezes tenho jurado aos Deoses de a amar sempre, e de amar só a ella... Mas, quere-rá Alcina vir comigo? Poderá resolver-se a deixar esta deliciosa habitação? Como o posso duvidar, se conheço o extremo, com que me estima? O desejo de acompanhar o objecto de seu amor prevalecerá á inclinação, que ella tem de habitar estas campinas.

Porém he necessario , que eu cuide em lhe fallar. Como ficará admirada , quando me vir vestido com tanta magnificencia ! A que ponto tem chegado a invenção dos homens ! Que innumeraveis riquezas achei na barraca de meu pai ! Como he possível , que sejam felizes aquelles , a quem são necessarias tantas cousas ! Até agora a pelle de huma cabra , toda branca , ou vistosamente malhada , era todo o meu vestido ; hoje me obrigaõ a trajar huma roupa matizada de varias côres , á semelhança dos nossos campos na estação da Primavera. Quanto receio , que estejam para mim acabados os dias de paz , e de felicidade ! A sorte me destina a occupar importantes empregos : queiraõ os Deoses ajudar-me. Claras fontes , deliciosos bosques , aonde passei com tanto prazer os annos da minha mocidade

dade, eu vos deixo por hum genero de vida, que não conheço. Queridos rebanhos, cuja guarda era todo o meu cuidado, eu vos deixo, para ir vigiar sobre homens, que querem confiar-me o cuidado da sua felicidade. Como he glorioso, como he bello poder fazer felizes os nossos semelhantes! Mas terei eu forças para sustentar taõ pezada carga? O' dias deliciosos, eu nunca me esquecerei de vós. Todas as vezes, que a Primavera renovar a face da natureza, eu virei visitar esta habitação campestre; tu virás comigo, minha querida Alcina: aqui offereceremos sacrificios aos Deoses, nestas pacificas solidões, aonde a fresca viração nos costumava recrear nas horas da sésta. Mas aonde estás tu, minha querida Alcina? Não vejo a hora de lançar-me entre teus braços.

Sim , quero unir ao teu peito  
meu coração palpitante , quero  
pedir-te....

---

S C E N A VII.

PYRRO, EVANDRO.

PYRR. Meu filho, ha muito tempo , que te não ví. Por que razão te retiras de hum pai, que tanto te ama?

EV. Eu , Senhor , queria dizer o ultimo adeos a este delicioso sitio , antes que me ausentasse.

PYRR. E tanto te custa deixalo? As riquezas , e a fortuna esplendida , a que os Deoses te chamaõ , não te parecem dignas de estimaçaõ?

EV. Não posso negar que esta magnificencia me tem admira-

do. As riquezas, que brilham nos vossos alojamentos, me trouxeraõ á memoria o brilhante enfeite de nossos campos, quando as flores borrifadas de orvalho se abrem aos primeiros raios do Sol. Porem os nossos prados saõ ainda mais formosos. Entre essas riquezas vî mil cousas, das quaes nem sei o nome, nem o uzo, a que saõ destinadas. Mas dizei-me, meu pai, ha de hum Principe estar sujeito a ser perseguido continuamente por hum caterva de importunos?

PYRR. Os bons, e os máos concorrem sempre para aquelle lugar, aonde se acha o poder, e as riquezas.

EV. Quando huma arvore está carregada de flôr, voaõ a ella mil insectos preguiçosos, e inuteis ao lado da abelha diligente. Será isto semelhante ao que nos acontece?

PYRR. Sim, meu filho.

EV. Mas parece-me cousa insupportavel estar continuamente rodeado de tanta gente, que procura servir-me, e que de nenhum modo me he necessaria. Supponho, que imaginaõ, que sou aleijado.

PYRR. Este he, meu filho, o privilegio dos Principes, fraca recompensa do trabalho, que elles tem em fazer observar as leis, e em promover a felicidade de seus povos.

EV. Mas, meu pai, se os homens elegem entre si os Principes, que os haõ de governar, elles haõ de eleger sem dúvida o que fôr mais prudente, e virtuoso: esta he a razaõ, por que vos elegêraõ, entre todos os demais. Mas como he possivel...

PYRR. Em outra occasiaõ responderei a tuas perguntas: basta

por hoje. Agora quero que me digas, por que razão estás tão triste? Sentes, por ventura, algum pezar em trocares esta humilde habitação pelo meu palacio?

EV. Não, meu pai, eu vos acompanharia sem o menor pezar, se sómente...

PYRR. Se sómente que?

EV. Se sómente Alcina... Ai de mim!

PYRR. Que he isso, meu filho, tu suspiras? (*A parte.*) Elle ignora ainda o destino de Alcina. Quero agora dissimular, para lhe ser mais gostoso o inesperado encontro, que está disposto.

EV. Se vós, Senhor, consentissemos, que Alcina viesse comigo...

PYRR. Alcina? Eu já tenho noticia, meu filho, do amor, que tens a essa pastora: mas primeiramente quero que vejas a filha de

Arates, que te tenho destinado para esposa.

EV. Ah meu pai!

PYRR. Advertes, que me farias faltar á palavra, que já dei, se a tua vontade se não conformasse com a minha.

EV. O' Deoses! como sou desgraçado!

PYRR. Assim que a vires, não poderás resistir á sua rara belleza. Ella he formosa, como a luz do dia.

EV. O' meu querido pai, deixai, que eu... Ah meu pai! não, não será possível...

PYRR. Cala-te, que aqui vem seu pai.

S C E N A VIII

PYRRO , EVANDRO , ARATES.

AR. (*Para Evandro.*) Meu Príncipe , dai-me licença , para trazer á vossa presença minha filha , cujo destino he taõ semelhante ao vosso. Mas... Senhor , porque estais taõ triste?

EV. (*Para Arates.*) Eu sou obrigado a vê-la , pois meu pai assim o determina. (*A parte.*) O Deoses ! Meu pai está apostado a fazer-me infeliz por toda a vida.

AR. Eu espero , Senhor , que nada poderá perturbar a alegria de hum dia taõ gostoso.

PYRR. O amor lhe faz deixar estes campos com saudade.

AR. O Príncipe poderá escolher consôrte entre as mais formosas Princezas de todas as Côrtes.

PYRR. Eu já fiz a escolha, que  
lhe convem, e isto he o que a-  
gora o afflige. Mas aonde está a  
vossa amavel filha.

AR. Ella chega já á vossa pre-  
sença.

---

S C E N A IX.

PYRRO , EVANDRO , ARATES ,  
ALCINA ,

Duas criadas. ( *Que ficam no fun-  
do do Theatro.* )

ALC. (*Vestida magnificamente.*) O'  
Deoses ! E hei de eu vir as-  
sim servir de espectaculo ao Prin-  
cipe ? E he possivel , que naõ  
possa descobrir aquelle , a quem  
meu coração unicamente adora ?

EV. (*Cheio de tristeza , e com  
as mãos diante dos olhos.*) Ella

chega ; já lhe ouço a vóz. Ah infeliz de mim !

ALC. Este, que vejo, certamente he o Principe. A afflicção me faz enmudecer.

EV. ( *Olhando para Alcina com espanto.* ) Que he o que ouvi ? Eu conheço aquella vóz queixosa. He esta...

ALC. O' Ceos ! sustentai-me, amigas ; ( *Para as criadas.* ) sustentai-me, que eu desfalleço. Pois aquella he o Principe ? O' Evandro !

EV. Que he o que vejo ? O' prazer ! ó alegria ! Es tu, Alcina ?

AR. O' Deoses ! que jubilo ; que alegria brilha nos olhos de ambos !

EV. ( *Correndo para Alcina, e abraçando-a.* ) Ah ! não, isto não he sonho : és tu , minha querida Alcina , és tu ; eu não me engano.

ALC. O' Evandro, ó meu ama-

do! Que encantamento, que milagre nos torna a unir neste lugar?

EV. No instante, em que eu me considerava o mais desgraçado de todos os homens, consigo a maior felicidade.

ALC. No instante, em que eu receava, que me opprimesse a excessiva dôr, me vejo repentinamente opprimida da mais sensível alegria.

PYRR. Os Deoses abençoem-o vosso amor, meus queridos filhos. Elles vos creáraõ hum para o outro. Estás contente, meu amigo?

( *Para Arates.* )

AR. Estou taõ transportado de alegria, que naõ tenho palavras, com que vos explique o meu agradecimento.

PYRR. Vinde comigo, amados filhos. He necessario dar parte do nosso contentamento aos morado-

res deste paiz , para que todos festejem este dia , que para nós tem sido de tanta felicidade.

EV. Mas , meu pai , que será de Albano ?

PYRR. Elle me disse , que lhe faria incommodo o vir conosco para a Cidade. Não o obrigarei pois , a que nos acompanhe : mas fica por minha conta faze-lo o mais rico , e o mais venturoso de todos os pastores.

F I M.

L

D  
ca  
Fr  
ju  
La  
rés  
vo

Abres  
par  
ses  
la J  
8.

Dialog  
guan  
sion  
voy  
rent  
vie.  
240

# 1.<sup>a</sup> LISTA.

*Livros que ha para vender em casa de F. R. O. de M. Mechas, na Travessa dos Romulares N.º 8 A, junto ao Caes do Sodré á Ribeira Nova, em brochura, (que vão notados com br.), ou encadernados, com os seus ultimos preços declarados.*

## Livros Elementares da Lingua Franceza.

**D**ictionnaire Portatif Français-Portugais et Portugais-Français, précédé des conjugaisons des Verbes des deux Langues, tant réguliers qu'ir-réguliers. Paris. 1812. 2 vol. 16. 1920.

Abrégé des Sciences et Arts, par Demandes et Reponses, pour l'instruction de la Jeunesse. Lisbonne. 1808. 8. 240 br.

Dialogues Français et Portugais; contenant les expressions les plus usitées en voyage, et dans les différentes circonstances de la vie. Lisbonne. 1808. 8. 240 br.

**D**iccionario Portatil Portuguez-Francez, e Francez-Portuguez, precedido das conjugações dos Verbos de ambos os Idiomas, assim regulares como irregulares. Paris. 1812. 2 vol. 16. 1920.

Compendio das Sciencias, e Artes, por Perguntae, e Respostas, para a instrucção da mocidade. Lisb. 1808. 8. 240 br.

Dialogos Francezes, e Portuguezes; contem as expressões as mais usaes em huma viagem; e nas diferentes circunstancias da vida. Lisb. 1808. 8. 240 br.

**Abrégé des Proverbes de Salomon** en François et Portugais. Lisbonne. 1805. 8. 120 br.

**Instruction Chrétienne**, ou **Nouvel Alphabet** en François et Portugais. Lisb. 1787. 8. 240 br.

**Resumo dos Proverbios de Salomão** em Portuguez, e Francez. Lisb. 1805. 8. 120 br.

**Instrução Christã**, ou **Cartilha** em Francez, e Portuguez. por Joaquim José da Costa e Sá. Lisb. 1787. 8. 240 br.

**Novo Mestre Francez**, ou **Nova Grammatica da Lingua Franceza**, para se aprender com muita facilidade, e sem uso de Mestre o Idioma Francez por meio do Portuguez com as Regras mais simples, e exactas sobre a Pronunção, Etymologia, ou Declinações dos Nomes, e Verbos com todas as suas Anomalias; sobre a Syntaxe, etc. enriquecida de hum copioso Vocabulario dos Termos Portuguezes, e Francezes, e das Frases mais polidas, e puras de ambos os Idiomas, com alguns Dialogos do uso familiar: Obra utilissima, e necessaria para todos os que pertendem aprender com perfeição, e em pouco tempo o Francez. Quinta Impressão. Lisb. 1815. 8. 480.

**Mapa Orthografico** para se lêr com brevidade, e sem maior estudo, a escritura Franceza, que para o uso dos seus Discipulos, e ainda mais para descanso dos Mestres, compoz José Arcangelo Jovene, Bacharel Formado em Leis pela Universidade de Coimbra. Lisb. 1793. 4. 80 br.

**Verdades sobre a Vinda do Anti-Christo**; relação em a qual se dá noticia sem breves, e compendiosos Capitulos de donde ha de nascer e vir o Anti-Christo, que Pais ha de ter, que vida fará, que victorias ha de alcançar, que fim terá, e ultimamente que signaes lhe hão de preceder, e devem acompanhar. Pelo Doutor Bruno de Mendonça Furtado. Lisb. 1817. 8. grand. 120 br.

**Igreja Militante protegida pelo Omnipotente Deus desde o principio dos Seculos**, contra os combates de Lucifer, &c.

Escruta pelo Doutor Francisco de Mattos na Ordem Militar de S. Bento de Aviz ; e Apostolico da Sua Santidade. &c. &c. Lisb. 1776. 2 vol. regulares , e em bom papel 2400 br. ( a )

Arte da Grammatica da Lingua Portugueza. Compоста e offerecida ao Illustissimo e Excellentissimo Senhor Sebastião José de Carvalho e Mello, Ministro, e Secretario de Estado de Sua Magestade Fidelissima, da Repartição dos Negocios do Reino, etc. Pelo Pacharel Antonio dos Reis Lobato. Decima quinta Impressão, cuidadosamente corrigida dos erros das anteriores, e acrescentada com hum Indice. Lisb 1816. 8. 480.

Novo Livro, ou Jogo de Sortes, que faz hum lição, e gostoso entretenimento das Companhias Sociaes, inteiramente diverso, e com outra disposição de hum impresso, no anno de 1797 com o titulo de Recreio Honesto. Dado á luz Por Prisco Antunes, amigo do seu divertimento, Doutor graduado na Faculdade das Fabulas. e Socio Academico da Ociosidade. Obra utilissima a todas aquellas Pes-

( a ) Esta Obra não só se faz interessante ás Pessoas Seculares, mas até indispensavel ás Ecclesiasticas; pois nella se contém tudo o que ha mais interessante tanto na Historia Ecclesiastica, como nas acções, ou sejião Sacras, ou Temporarias dos Summos Pontifices. O 1.º vol. Comprehende desde o principio do Mundo, todo o tempo da Lei Natural e parte da Lei escripta até o tempo do Profeta Samuel, e principio dos Reis de Israel. 2.º Desde o tempo de Samuel e principio dos Reis de Israel até á vinda de Jesus Christo. 3.º O Estabelecimento da Igreja na Lei da Graça por Jesus Christo, e seus Apostolos. 4.º Desde o tempo de S. Lino, primeiro Pontifice depois de S. Pedro, até o tempo do Papa S. Sergio, que governou até o anno de 701, que vem a ser desde o primeiro até ao setimo Seculo da Igreja Militante. 5.º Desde João VI. até o tempo do Papa Alexandre VI. principia no Seculo Oitavo, e continua até o Seculo decimo quinto da Lei da Graça. 6.º Desde o principio do Seculo dezeseis pela vida do Papa Pio III até o tempo que governou Pio VI.

A Sociedade quizerem rir-se com os Dis-  
 fortuna numa fortuita Sorte. Lisb. 1800. 8. 480.

num Pai a huma Filha sua na primeira idade ,  
 á Protecção , e Auspicio da Serenissima Senhora D.  
 Carlota Joaquina, Princesa do Brazil , dedica e offerece  
 Roque Ferreira Lobo. Primeira e Segunda Parte. Lisb.  
 1817. 8. 480.

Academia dos Jogos, que trata do Voltarete, do Mediator,  
 do Whist, do Boston, do Brelan, do Cassino, da Ban-  
 ca, das Damas, do Xadrez, do Dominó, do Gamão, do  
 Passo de Roma, e de outros muitos Jogos de Cartas, e  
 de Dados. Lisb. 1806. 8. 5 vol. 2400.

O Solitario de Terrasson. Historia verdadeira, e muito in-  
 teressante. Lisb. 1806. 8. 240. br.

Itinerario Lisbonense, ou Directorio Geral de todas as Ru-  
 as, Travessas, Becos, Calçadas, Praças, etc. que se com-  
 prendem no recinto da Cidade de Lisboa, com os seus  
 proprios nomes, principio, e termo, indicados dos Lugá-  
 res mais conhecidos, e geraes, para utilidade, uso, e  
 commodidade dos Estrangeiros, e Nacionaes. Lisb. 1806.  
 8. 320. br.

Nova Arte de Cozinha dividida em quatro Partes: A pri-  
 meira trata do modo de Cozinhar varios guizados de todo  
 o genero de carnes, conservas, tortas, empadas, e pasteis,  
 A segunda de peixes, mariscos, frutas, ervas, óvos, la-  
 ticipios, doces, e conservas do mesmo genero. A tercei-  
 ra de preparar mezal em todo o tempo do anno, para  
 hospedar Principes, e Embaixadores. A quarta de massas,  
 e podins. Obra util, e necessaria a todos os que regem  
 e governão casa. Author Domingos Rodrigues. Lisb. 1814.  
 8. 480.

Tratado sobre as Partidas Dobradas, por meio do qual po-  
 dem aprender a arumar as contas nos Livros, e conhe-  
 cer dellas, todos os Curiosos, impossibilitados a cultivar  
 as Aulas desta importantissima Sciencia. Segunda Impres-  
 são mais correcta, e emendada. Lisb. 1792. 8. 400. br.

Quadros Glosadas por Antonio Beisane Leite. Lisb. 1804. 8.  
 400 br.

O Tolo por Arte, e o Sabio por Geito, dois tomos em

- hum só volume, ou o Anti-Machiavel  
cia, e Arte, para que cada hum dos hom  
par aos detrimetos da sociedade: Obra muito  
para quem deseja viver no Mundo com Amigos, Tr  
e Paz. Por João Pedro do Valle. Lisb. 1794. 8. 400. b  
Obras do Grande Luiz de Camões. Terceira Edição, da que  
na Officina Luisiana, se fez em Lisboa nos annos de 1779,  
e 1780. Paris 1815. Esta Obra he impressa em magnifico  
typo, papel, e ornada com bellissimas estampas, e enca-  
dernada excellentemente; 5 vol. 3600.
- Historia de Gil Braz de Santillana. Traduzida em Portuguez.  
Terceira Edição. Lisb. 1808. 4 vol. 2. 1920.
- Historia dos Descobrimetos, e Conquistas dos Portuguezes  
no novo Mundo. Lisb. 1736. 4 vol. 8. 1920.
- Medicina Domestica, ou Tratado de prevenir, e curar as En-  
fermidades com o Regimento, e Medicamentos simples,  
escripto em Inglez pelo Dr. Guilherme Buchan, Socio  
do Collegio dos Medicos de Edimburgo, traduzido em  
Portuguez com varias notas, e observações concernentes  
ao clima de Portugal, e do Brazil, com o Receituario  
correspondente, e hum Appendice sobre os Hospitaes Na-  
vaes, Cura, e Dieta dos Enfermos dos mesmos Hospitaes,  
por Manoel Joaquim Henriques de Paiva, Medico da Ca-  
mara do Principe Regente N. S., etc. etc. etc. Segunda  
Impressão, mais emendada, e augmentada. Lisb. 1801.  
4 vol. 8. 1920.
- Peesias de B. J. O. P. Lisb. 1817. 8. 120. br.
- Theatro Comico Portuguez, ou Collecção das Operas, Por-  
tuguezas, que se representarão na Casa do Theatro publico  
do Bairro Alto de Lisboa, offerecidas á muito Nobre Se-  
nhora Pecunia Argentina por \*\*\* Contém esta Collecção  
as seguintes Comedias: — Vida de D. Quixote de la  
Mancha. — Esopaida, ou Vida de Esopo. — Os En-  
cantos de Medea — Amfitrião, ou Jupiter, e Alcmena,  
— Labyrintho de Creta. — Guerras do Alectim, e Man-  
gerona. — Variedades de Protheo. — Precipicio de  
Faetonte. — Adolonimo em Sydonia. — A Nynfa Si-  
ringa. — Novos Encantos de Amor. — Adriano em  
Syria. — Filinto. — Encantos de Circe. — Semira-

...ntos de Merlim. Quarta Impressão. Lisb.

8. 1600. br.

Ovidio chamadas Heroides, espurgadas de toda a obscenidade, e traduzidas em Rima vulgar: com as suas Respostas, escritas huma pelo mesmo Ovidio; outras por Sabino, e Sidonio; e a maior parte dellas pelo Traductor; e hum Epitogo no fim de cada huma, em que se mostra a doutrina, que dellas se pôde tirar: e huma Analyse do que nas mesmas deve observar o bom imitador. Ajuntão-se algumas breves Notas para sua melhor intelligencia Author, e Traductor Miguel do Couto Guerreiro. Lisb. 1789. 2 vol. 8. 960.

Cartas de huma Peruviana, traduzidas do Francez na Lingua Portugueza, por huma Senhora. Lisb. 1802. 8. 480.

Compendio das Epocas, e Successos mais illustres da Historia Geral. Por Antonio Pereira de Figueiredo. Segunda Impressão revista, e retocada pelo mesmo Author. Lisb. 1800. 8. 480.

Exercicio Mercantil da Arithmetica em Geral, offerecido ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Ponte do Lima, Mordomo Mór. Por José Gonçalves Ramiro. Lisb. 1790. 2 vol. 8. 480. br.

Poesias de Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhão offerecidas a seus amigos de toda a ordem, publicadas por João Nunes Esteves. Lisb. 1802. 8. 480.

Historia de Alexandre Magno, Monarcha, e Conquistador o mais famoso que tem havido no Mundo; o qual não deo batalha que não vencesse, nem sitiou praça que não tomasse. Delle falla a Escriitura Sagrada em varias partes até chegar a dizer: Que toda a terra ficou pasmada á sua vista. *Siluit terra in conspectu eius.* (1. Macab. 1. 2.) Obra a primeira vez impressa na nossa Lingua, e summamente agradavel, e util pela raridade dos successos que contém. Lisb. 1780. 2 vol. 8. 960.

Donzella instruida, ou Devoção que as Donzellas devem ter aos Anjos da sua guarda para merecerem a sua protecção entre os muitos perigos deste mundo. Composta em fórma de Dialogo entre huma Mestre, e sua Discipula, por huma pessoa zelosa de Educaçã da mocidade, e não me-

nos da confiança que merecem os Santos.  
1788. 8. 120 br.

**ENTREMEZES.** O Juiz Novo das Borracheiras.

4. 40 br.

— O Velho Namorado, Impertinente, e Enganado. Lisb.

4. 40 br.

— O Miseravel. Lisb. 1802. 4. 40. br.

— Os Dois Mentirosos. Lisb. 4. 40 br.

— O Sapateiro Surdo. Lisb. 1782. 4. 40 br.

— O Doutor Suvina, composto por Manoel Rodrigues

Maia. Lisb. 4. 40. br.

Maitre Portugais, ou Nouvelle Grammaire Portugaise et Francoise, composée d'après les meilleures Grammaires, et particulièrement sur la Portugaise, et Angloise d'Antoine Vieyra Transtagano, Maitre des Langues Portugaise, et Italienne, et arrangée de manière à pouvoir servir aux François qui désirent apprendre le Portugais. Lisbonne, 1799. 5. 480.

Origem da Nobreza Politica, Blasões de Armas, Appellidos, Cargós, e Titulos nobres. Dirigido a Luiz d'Albuquerque de Mello, etc. por Alvaro Ferreira de Vera, fielmente reimpressa: por Manoel Antonio Monteiro de Campos Coelho e Soiza, filho. Lisb. 1791. 8. 480.

Elementos da conversação Italiana, e Portuguesa divididos em duas partes: a primeira contem huma collecção de frases familiares; e a segunda huma de Dialogos sobre os assumptos os mais usuâes. Obra utilissima, e necessaria, não só aos Portuguezes, que querem aprender a Lingua Italiana: mas tambem aos Italianos que querem instruir-se na Portuguesa. Por Antonio Michele, Professor da Lingua Italiana, Franceza, e Ingleza. Lisb. 1807. 8. grande 300 br.

Thesouro da Lingua Italiana, ou seja Methodo para aprendiella facilmente por meio de huma Arte resumida, e clara; e para poder ficar com perfeito conhecimento della, ainda mesmo sem auxilio de Mestre, e isto em brevissimo tempo. Por Antonio Michele, Professor da Lingua Italiana, Franceza, e Ingleza. Lisb. 1807. 8. grande 160 br.

... sua curação em geral, ou Novo e seguro  
 ... curar facilmente, por meio dos acidos mine-  
 ... Todas as especies de Febre; pelo Doutor-Gotafredo  
 ... Christiano Reich, traduzida do Alemão em Francez pelo  
 Doutor Marc, tirado em linguagem, e ampliado com an-  
 notações por M. J. H. de P. Bahia 1813. 8. 240 br.

---

*N. B. Na mesma casa se Comprão, Vendem, e Tro-  
 ção, Livros de todas as qualidades, e se Vende tinta  
 de escrever de excellente qualidade, preta e encarnada,  
 ou seja engarrafada, ou por medida: arranja-se qual-  
 quer Encommenda de Livros; pois ainda que sejam ra-  
 ros se faz a possivel diligencia em alcançallos; ha tam-  
 bem sortimento de — Letras de Cambio, e Conheci-  
 mentos nas principaes Linguas da Europa. — Papet  
 de escrever de todas as qualidades. — Dito bordado  
 de esquisito gosto. — Bilhetes de Cartão igualmente bor-  
 dados, para boas festas, convites, visitas, rifas, etc.  
 e se encarrega de fazer imprimir — Procurações, Lis-  
 tas de Leilões, Noticias, Bilhetes de Estampa, e Im-  
 pressos, etc. etc. etc.*

---

*A segunda Lista já se distribue, terceira, e quar-  
 ta, etc. se hirão distribuindo, gratuitamente, na mes-  
 ma casa a quem as pedir.*

---

LISBOA. 1817.

---

